

Caso Isabella: uma leitura semiológica

ROBERTO RAMOS

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS

Resumo

O caso Isabella ocupou alguns dos principais espaços da Mídia impressa e eletrônica no Brasil. Tornou-se um fato noticioso importante. Por que alcançou tanto interesse? Esta e outras questões serão o objeto deste ensaio, através de uma leitura semiológica.

Palavras-chave

Mídia, Fait Divers, Semiologia

Abstract

The Case Isabella occupied some of the main spaces of the Media printed and electronics in Brazil. An important news fact became. Why it reached as much interest? These and other questions will be the object of this essay, through a semiology reading.

Key words

Media, Fait Divers, *Semiology*

Em 29 de março de 2008, o Brasil passou a conviver com a emoção do Caso de Isabella Nardoni. A menina foi jogada do sexto andar do Edifício London em São Paulo. O pai, Alexandre Nardoni, e a madrasta, Anna Carolina Jatobá, foram acusados, como réus, pela morte.

A notícia impactou o território nacional. Foi apropriada e explorada pela Mídia, impressa e eletrônica, por vezes, como se fosse uma novela, escrita e roteirizada pelo interesse jornalístico. A abordagem parece ter sido movida pela fome e pela sede comercial de audiência.

O Caso Isabella, como informação jornalística, será lido e interpretado por este ensaio, através da Semiologia, de Roland Barthes. Contemplaremos os aspectos invariantes da Notícia, que perpassaram a Mídia impressa e eletrônica. Usaremos, para tanto, a Teoria do *Fait Divers*, para compreendermos e explicarmos tal impacto noticioso.

As teias do *Fait Divers*

A expressão francesa “*Fait Divers*” designa, em sua generalidade, a informação sensacionalista. Ela é bem anterior ao advento da Imprensa. Já existia em diferentes produções culturais, na Idade Média, habitando os cantos dos menestréis, em seus apelos e interpelações de entretenimento.

Em Barthes (1971), o “*Fait Divers*” significa a informação sensacionalista. Expressa conflitos, através da Causalidade e da Coincidência. Interpela a emoção do receptor, independente de seu estilo jornalístico, que pode se caracterizar por diferentes maneiras na produção discursiva.

Angrimani (1994, p. 27) refere que, em 1631, a *Gazette de France* lançou “edições extraordinárias de grandes tiragens, consagradas aos ‘fait divers’ sensacionais”. Depois desse jornal, os editores dos outros passaram a publicá-los, com mais intensidade, para aumentar seus rendimentos.

Na literatura, o “Fait Divers” inspirou os heróis de Balzac; as novelas de Flaubert, tal como *Madame Bovary*; e o romance de Stendhal, *O Vermelho e o Negro*. Proporcionou a Beauvoir e Sartre material, para os seus textos e Breton usou essa estrutura na poesia. Muitos outros escritores, também, sofreram a sua influência, assim como, artistas, que pintaram suas obras, baseadas em “Fait Divers”, salienta Walker (1995).

Inspirado em Habermas, Lattman-Weltman (2002, p. 11) observa três fases da Mídia brasileira:

- a) *Pré-capitalista: 1808, com o surgimento da Gazeta do Rio de Janeiro, trabalhando pequenas informações;*
- b) *Oposição e Opinião: a partir do Correio Braziliense, também em 1808, marcando a fase panfletária;*
- c) *Industrialização: a partir dos anos 50, do século XX, através da massificação midiática, como um sistema impresso e eletrônico.*

O Fait Divers está presente nas três fases. Surge no momento pré-capitalista, com a Gazeta do Rio de Janeiro. Mantém-se no discurso oposicionista da fase panfletária com o Correio Braziliense, e alcança a industrialização, sobretudo, a partir do jornal Última Hora.

Ao longo do século XX, vários teóricos se preocuparam e se ocuparam com a sua importância. Foram os casos de Baudrillard (1995), Maffesoli (1988) e Morin (1985). Todos se voltaram, sobretudo, com as suas questões conceituais, sem um investimento, mais conseqüente, em uma formulação teórica.

Baudrillard (Ibidem., p. 24) foi incisivo. Observou que existe uma “universalidade do Fait Divers” na Comunicação massiva. Sublinhou a sua onipresença em diferentes manifestações informativas:

[...] Toda a informação política, histórica e cultural é acolhida sob a mesma forma, simultaneamente, anódina e miraculosa do Fait Divers.

Barthes (1971) transgrediu o perímetro conceitual. Arrumou-lhe uma tipologia básica, organizada por duas categorias: Causalidade e Coincidência. Ambas se subdividem em subtipos, direcionados, para a compreensão da excepcionalidade, introdutora da noção de conflito.

O primeiro tipo, o “Fait Divers” de Causalidade, apresenta duas manifestações:

- a) Causa Perturbada: há o desconhecimento causal ou quando uma pequena causa provoca um grande efeito;*
- b) Causa Esperada: quando a causa é normal, a ênfase recai nos personagens dramáticos — criança, mãe e idoso (BARTHES, 1971, p. 276-271).*

Na Causa Perturbada, a excepcionalidade está localizada no porquê da factualidade. Existe um efeito, porém a causa é desconhecida ou deformada pela imprecisão ou pela ilogicidade. Em quaisquer das possibilidades, existe a formalização de uma situação de conflito.

O conflito vem à tona pela factualidade. Materializa-se, narcisicamente, no presente, porém conserva o motivo, recalcado, submerso no passado. O determinado é visto, solidificado pelo fato, embebido pela historicidade; o determinante, oculto, abstrato, deixando somente os indícios de seus domínios.

Observamos que há, formalmente, a estruturação de uma situação conflituosa. Esta interpela e obtém reconhecimento não apenas pelo dito, mas, primordialmente, pela forma de dizer. Ocorre a representação da dialética da subjetividade: a consciência é o dito, o efeito, o factual, o denotado, o determinado; a Inconsciência, o não-dito, a causa, o contexto, conotado, determinante.

A condição de sujeito é uma condição conflituosa. O interpelado se reconhece nesta factualidade, trazida pelo “Fait Divers”.

Ele é, também, um efeito, em nível de consciência, com causas desconhecidas, imprecisas e ilógicas, mantidas no Inconsciente. Ao se reconhecer, vive o que está fora, como se fosse seu — Identificação Projetiva —, que enseja a Catarse.

Na Causa Esperada, a excepcionalidade troca de posição. Desloca-se para os protagonistas, que são responsáveis pela instauração do conflito. A dramaticidade apanha três tipos de sujeitos básicos: criança, mãe e idoso. Eles representam os diversos ciclos do processo do existir humano.

A criança, a mãe e o idoso simbolizam a fragilidade e a pureza humanas, decodificadas na dimensão do bem. Por suas próprias características, eles estão revestidos de circunstâncias, pronunciadas pela dramaticidade. Possuem valorização, através do olhar cultural e, especificamente, religioso.

No “Fait Divers” de Causalidade, através da Causa Perturbada e da Causa Esperada, existe a estruturação de um conflito, não-classificado pelo conhecimento humano. Torna-se inexplicável aos recursos da racionalidade e dos pressupostos da intelectualidade, ficando ininteligível na dimensão histórica.

Os sujeitos relativos não conseguem ter respostas, para a situação conflituosa estabelecida. Ficam impotentes, sem recursos de compreensão. Recorrem a um Sujeito Absoluto, tal qual na Trágédia Grega, quando um “Deus-ex-Machina” entrava em cena, para contornar os impasses incontornáveis historicamente. Prevalece a lógica da Fatalidade.

A Fatalidade é o Sujeito Absoluto, o grande pai transcendental, que possui a explicação para o inexplicável. Representa a iluminação do oculto, o conhecimento do desconhecido pela onisciência e onipresença. Assume a responsabilidade sobre todas as coisas e a plenitude do todo. É o fiador perfeito, para todas as imperfeições, inscritas na relatividade histórica da sujeição.

Tudo está pronto e harmonizado na Fatalidade. É o espelho, por excelência. Interpela os sujeitos relativos, que se reconhecem, com liberdade, no seu Poder – Libido dominante, conforme Barthes (1997) – e se tornam submissos diante do seu pleno e indizível saber, causa de todas as causas e suprema revelação de quaisquer enigmas de subjetividade.

Na “Fait Divers” de Causalidade, pelas singularidades da Causa Perturbada e da Causa Esperada, existe a estruturação de conflitos, que interpelam. São reconhecidos, porque reproduzem a dialética da subjetividade. Ensejam, por conseguinte, a Identificação Projetiva, que possui um final feliz, uma saída catártica: a Fatalidade, o Sujeito Absoluto, garantia de harmonização e suprema desculpa para todas as culpas, desde que, com liberdade, seja pago o dízimo da submissão.

O segundo tipo, proposto por Barthes (1971, p. 271-274), é o “Fait Divers” de Coincidência, subdividido, também, em duas manifestações:

a) Repetição: é o igual, que se reproduz com diferença, conforme Lacan (1990), no âmbito de uma matéria jornalística;

b) Antítese: duas perspectivas diferentes, distantes, antagônicas, são fundidas em uma única realidade. Uma de suas formas de expressão é o Cúmulo (a má-sorte), figura da Tragédia Grega.

A Coincidência despe o homem de sua responsabilidade histórica. Conforta-lhe com a irresponsabilidade, desculpando as suas próprias culpas. Permite-lhe regredir a um estágio de menor idade, que lhe assegura a omissão diante de seus atos. É a garantia de transferir a responsabilidade, para uma noção de Fatalidade.

A Repetição da fato, sem uma lógica histórica, remete para a noção de Coincidência. O repetir não é a reprodução do original, como cópia, porém a sua reprodução com diferenças, no desigual. Insinua a onipresença da fato, que se mantém em quaisquer circunstâncias.

O Inconsciente se reconhece, através da Identificação Projetiva, não pela reprodução do evento, originalmente, recalcado, mas por uma analogia formal do enfoque conflituoso. É onipresente, porque conserva o conflito recalcado pela Repetição na desigualdade de diferentes circunstâncias.

A Antítese mistura os opostos, os antagônicos em uma mesma dimensão do real. Os dissociáveis se tornam indissociáveis, como se fossem gêmeos univitelinos. Os desiguais ficam igualados por uma inteligência não-materializada, sem significação corpórea, que reina na abstração. Uma de suas pronúncias é o Cúmulo, onde o trágico faz as vítimas.

Observamos que a Repetição e a Antítese estabelecem a Coincidência, reproduzindo a linguagem trágica, com o “Deus-ex-Machina”, tal qual faz o “Fait Divers” da Causalidade. Mesmo com outras particularidades, agora, também, o caminho é igual: a Fatalidade, como Sujeito Absoluto, para desatar os nós coincidentes.

Os dominantes e os dominados, ricos e pobres, belos e feios compõem um rebanho harmônico, apesar de suas divergências. Posuem o mesmo ancoradouro. Compartilham, pelos atalhos da Causalidade e da Coincidência, do mesmo caminho: a Fatalidade, uma categoria de fácil disponibilidade e de elástico uso no Senso Comum.

Na teorização de Barthes (1971, p. 299) sobre o “Fait Divers”, o conceito de estrutura é essencial. Ele o explica da seguinte modo:

A estrutura é, pois, na verdade um simulacro do objeto, mas um simulacro dirigido, interessado, uma vez que o objeto imitado faz algo que permanecia invisível, o se preferirmos, ininteligível no objeto natural.

Barthes realiza um simulacro, dirigido do “Fait Divers”. Concede-lhe um conceito. Oferece-lhe uma estrutura, com duas categorias: a Causalidade e a Coincidência. Ambas estão direcionadas, para a classificação da excepcionalidade, fixada na dimensão do conflito, respectivamente, através da Causa Perturbada e Causa Esperada, da Repetição e da Antítese. Revela-lhe a Fatalidade, como Sujeito Absoluto, análogo ao “Deus-ex-Machina” da linguagem trágica.

Na abordagem estruturalista, o mais importante não é o dito. As histórias, os protagonistas e as circunstâncias são variáveis no tempo e no espaço. São perecíveis. O que importa é a estrutura, a forma de dizer, o significante invariante, que tem permanência perante quaisquer possibilidades de mutação.

Cabe destacarmos que não existe uma estrutura pura. Em qualquer “Fait Divers”, é possível encontrarmos características simultâneas de Causalidade e de Coincidência em interação. Nessa interrelação, todavia, há uma estrutura invariante, determinante da abordagem e identificado, por conseguinte, a sua tipologia e a sua conseqüente tipologia.

Em relação ao “Fait Divers” de Coincidência de Repetição, permite dois modos de aplicação. O primeiro se estrutura por qualquer facticidade, que se repita, o segundo se refere a qualquer tipo de “Fait Divers”, quando repetido. Esse, no caso, passa a ter duas estruturas, determinando duas tipologias simultâneas, uma delas, dependendo da situação, deverá prevalecer, constituindo uma classificação específica.

Barthes (1971) enfatiza que o “Fait Divers” possui um consumo imediato. Notabiliza-se pela sua imanência. É fechado no seu próprio contexto, que é a única perspectiva do seu saber. Não reivindica nada, que possa transcender o seu próprio território. Está preso no presente, cristalizado no aqui e no agora. É, por excelência, narcísico.

O “Fait Divers”, em suas diferentes manifestações, é utilizado na Mídia, com diversas abordagens. Aparece no tratamento da realidade e da ficção, seja nas telenovelas, nos telejornais, nos “talk-shows”, nos programas de humor, no noticiário da Imprensa e na Publicidade.

O “Fait Divers” é, por natureza, sensacionalista. Tanto pela Causalidade — Causa Perturbada e Causa Esperada —, e pela Coincidência — Repetição e Antítese —, interpela pela emoção. As suas estruturas são constituídas pelas anomalias e pelas excepcionalidades, marcadas, em essência, pela valorização do espetacular. Conotam a Fatalidade, como explicação do real.

Em maior ou menor grau, a Mídia é sensacionalista por natureza. É o agente da interpelação, que busca o reconhecimento do interpelado e a sua conseqüente submissão. Está, também, submetido à audiência, aos patrocínios e ao lucro. À medida que a mensagem se encontra dominada pelo Valor de Troca, transforma-se em mercadoria. Não há como ela abdicar do Sensacionalismo, explícito ou implícito, mas presente.

O “Fait Divers”, em suas várias pronúncias, tem um Sistema de Significação particular. Denota a factualidade presente, e, ao mesmo tempo, conota o conflito. Possui uma interpelação narcísica com o réceptor, que identifica, projetivamente, os seus conflitos inconscientes no formato conflitante da informação.

O Poder, no “Fait Divers” é a expressão do domínio do individualismo, manietado pela emocionalidade. Não importa o uso da razão. O que conta e dá saldo é a exploração das emoções, reprimidas no Inconsciente, que emergem, através da Identificação Projetiva, responsável pela Catarse.

Caso Isabella

O Caso Isabella mobilizou a emocionalidade nacional por um conjunto de razões. Ela poderia ser vista como uma Personagem Dramática, por ser uma criança. Isso tipificaria o Fait Divers de Causalidade de Causa Normal sob o impacto de um primeiro e rápido olhar.

As questões do Drama parecem ter configurações específicas. São fatos, circunstâncias, com conflitos, que encontram diálogos com soluções. Tudo se encena no palco e no contexto da vida. A Tragédia possui outra tessitura. Assinala o momento de ruptura. O conflito não se restringe ao palco da vida. Transita entre o contexto do viver e do morrer. É o seu enredo, o nó do seu sentido.

O trágico bateu a porta da classe média. Entrou no Edifício London, no apartamento 62, onde moravam pessoas, com um certo nível econômico e cultural. O pai, inclusive, com formação universitária. É um advogado. Isso parece não ter sido o suficiente, para impedir o evento trágico.

As estatísticas, diariamente, catalogam as crianças, com os crachás de vítimas, de diferentes calibres dramáticos e trágicos. Parecem significar uma banalização, entronizada como um Estereótipo cotidiano da geografia nacional, onde os pobres, em geral, são os protagonistas.

O jogar uma menina, de quatro anos, pela janela de um prédio, de classe média, do sexto andar, com uma altura aproximada de

20 metros, é uma singularidade trágica. Contraria a própria configuração do trágico usual e urbano. Oferece uma ruptura ao Estereótipo vigente.

A Antítese trágica é o significante, que veste e reveste de conflitos e emocionalidade o fato. Isabella perde a vida pelas mãos de quem a dera – o seu pai, conforme a acusação. O binômio vida e morte se encontram codificados tragicamente. Alexandre Nardoni, responsável pelo cuidado, pelo amparo da menina, torna-se réu pelo seu assassinato. Ele, um advogado, que deveria ser o paladino das leis, parece ser o seu fiel transgressor, cultivando a Antítese – pai e provável assassino.

O cenário não foi uma favela de qualquer periferia urbana. Materializou-se, com a sua densidade e a sua intensidade, onde a carência não era econômica. Não tinha raízes na miséria social, porém, provavelmente, na miserabilidade emocional e afetiva.

A defesa dos réus manteve uma performance antitética. Procurou defender Alexandre e Ana Carolina, com uma substantiva singularidade. Tentou mantê-los unidos, evitando qualquer confronto e divergências. Sem alibi, buscou desqualificar toda e qualquer prova contra o filho e a madrasta, mas não dispunha de nenhuma prova. Havia um fato – o assassinato de uma criança, de forma hedionda – , sem assassino, sem confissão.

Os acusados não eram pobres. Não estavam entregues às mãos de um Deus dará. Não estavam submetidos ao sentimento de desvalia. Eram integrantes da classe média, com condições de pagar uma equipe de advogados, como agentes da produção do contraditório.

Não há uma causa explícita, para o caso. O que pode abrir a conjectura que seja um *Fait Divers* de Causalidade de Causa Desconhecida. Tal possibilidade possui viabilidade num primeiro momento do olhar, porém não resiste à uma interpretação mais consequente. Dissipa-se em seguida.

A Antítese trágica é o significante hegemônico. Parece evidenciar a possível circunstância de desequilíbrio dos réus. Caracteriza o Cúmulo, como situação de má-sorte, onde não existe uma causa aparente e consolidada. O Acaso funciona como motivação.

A presença do Acaso conota a existência da Fatalidade, que parece ter uma personificação. É Tiquê, a deusa da sorte e do azar, que equivale à noção latina de Destino. Atua, como um Deus-ex-machina, um Sujeito Absoluto, com intervenção histórica.

A presença de Tiquê, como uma divindade, de caráter ahistórico, pode contracenar com a situação de desequilíbrio. Envolveu o pai e a madrasta, como agentes de um fato trágico, onde uma criança, inocente e indefesa, acabou sendo vitimada, de um modo hediondo.

O caso se materializa, com várias possibilidades de interpretação. É possível vê-lo, através de vários tipos e subtipos de *Fait Divers*. Tais possibilidades de incerteza dialogam com uma certeza. É um *Fait Divers*. Um, em especial, o materializa. É o de Coincidência de Antítese trágica, com o Cúmulo, como situação de má-sorte, através da presença de Tiquê.

Portanto, o fato noticioso é uma metáfora. Condensa uma pluralidade de significações sociais e psicológicas. Parece sintetizar um estudo de Psicologia Social sobre o Imaginário nacional. O Sensacionalismo do *Fait Divers* de Coincidência de Antítese trágica, em sua linguagem emocional, foi um dos significantes da *Cátarse*, que se materializou nas densidades e nas intensidades objetivas e subjetivas da conflituosidade noticiosa.

Bibliografia

- ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue - Um Estudo do Sensacionalismo na Imprensa*. São Paulo: Summus, 1994.
- BARTHES, Roland. *Ensaio Crítico*. Lisboa: Edições 70, 1971.
- _____. Aula. 9.ª ed.. São Paulo: Cultrix, 1997.
- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade do Consumo*. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.
- LACAN, Jacques apud HARARI, Roberto. *Uma Introdução aos Quatro Conceitos Fundamentais de Lacan*. Campinas: Papyrus, 1990.

- LATTMAN-WELTMAN, Fernando apud HOHLFELDT, Antonio e BUCKUP, Carolina. *Última Hora- Populismo Nacionalista nas páginas de um Jornal*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- Maffesoli, Michel. *O Conhecimento Comum – Compêndio de Sociologia Compreensiva*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MORIN, Edgar. *Cultura de Massa no século XX – O espírito do tempo – volume 1*, Neurose. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- WALKER, David H. *Outrage and Insight – Modern French Writers and the Fait Divers*. Oxford/ Washington: Berg Publishers, 1995.